ORGÃO DA
RENASCEN-
ÇA PORTU-
GUESA

15

100 rs.

GOMES LEAL

Escrevi umas ligeiras palavras na "Vida Portuguesa„ ácerca da pobreza de Gomes Leal; e desejo repetir o seu sentido aos leitores da "Águia„, com o exclusivo fim de lhes levar ao conhecimento a falta de meios de subsistencia com que lucta o divino auctor da "Vida de Jesus„ *para as creancinhas lerem.*

Soube que aquelas palavras não fôram de todo infecundas. Vê-se, com alegria, que a alma lusitana é mais perfeita e que já não é a mesma que abandonou Camões á miseria.

Espero, portanto, que estas palavras d'hoje sobre o mesmo doloroso assunto, fructifiquem em actos de gratidão e amor pelo nosso grande Poeta.

Eu visiono já, intimamente comovido, esse adoravel movimento de simpatia, reunindo em volta d'um grande espirito martirisado as almas que são felizes. Que a nossa felicidade beije a desgraça do Poeta e lhe dê amparo n'esta vida que ele tocou de infinita belêsa, d'amor, de esperança e de revolta, e que, em troca, se lhe tornou amarga e negra no fundo do coração.

Emendemos, pelo esfôrço do nosso amôr, a obra má do Destino, esse Phantasma anterior aos proprios Deuses, perseguindo encarniçadamente as almas que se erguem, fazendo vulto e rumor, em frente á sua sombra misteriosa e despeitada...

O Destino, a quem os Deuses obedecem, como dizia um poeta da antiga Grecia, não deve ser para os espiritos d'hoje, mais conhecedores da sua propria natureza creadora, esse remoto Espectro invencivel... Nós temos agora uma fôrça a opôr ao Destino: *a vontade do amor*...

Foi esta fôrça que Christo revelou no homem. A tragedia do Calvario é a violenta e tragica subordinação das brutas forças cegas da Natura á vontade dolorosa do Amôr! Como é distante das tragedias gregas, em que o Destino joga livremente com as almas dos homens!

A creatura humana tem hoje novas forças espirituaes que podem corrigir os Fados. Essas forças sintetisam-se no Amôr...

Que o nosso amôr, exaltado e agradecido, se coloque entre o

grande Poeta português e o seu mau destino, amparando-o e defendendo-o!

E a nossa raça affirmará, d'este modo, a sua vitalidade moral. Assim o espero firmemente. Ha sintomas animadores, como já disse. Aqui, além, acendem-se amorosas almas, maguadas da miseria do Poeta. Sente-se o iniciar d'um movimento fraterno... O amôr, a piedade, a gratidão afloram aos corações compacidos. Ha phisionomias entristecidas pela dolorosa noticia da pobreza em que vive Gomes Leal.

Dentro em breve, a bela obra d'amor aparecerá. A "Renascença" mais uma vez afirma que auxiliará todas as bôas iniciativas.

Ela propria estuda, neste momento, a maneira de melhor poder colaborar nesse acto de piedosa gratidão que devemos a Gomes Leal.

Os portugueses precisam de lavar a nodoa escura que a fome de Camões imprimiu sobre a nossa terra! Será já uma prova do nosso renascimento. O acordar das belas energias da alma é que prepara a grandesa dum Povo, mesmo a sua grandesa material. Quem talha o corpo é o espirito.

Eis uma verdade que os chamados homens praticos não devem esquecer. Convem afirma-la sempre, numa época em que domina a superstição do util, do scientifico e do positivo. É a *superstição de três cabeças,* que devora as energias espirituaes do homem, metalisando-o, reduzindo-o a uma cousa parecida com a machina de costura...

O homem não é apenas o cidadão de que falam os codigos; é tambem o sêr vivo de que falam as arvores e as estrelas. E este sêr vivo, tão dignificado em Gomes Leal porque foi um grande Poeta, é que nós devemos amar e amparar, como se amam as flôres mais belas da Vida.

Porto, 8 de Março de 1913.

Teixeira de Pascoaes

TRANSFIGURAÇÃO

Nos jardins de Kew, inverno

Sinto sonhar, reclusa a vida,
Nesta floresta entorpecida
P'lo Norte, açoute das florações:
O' troncos hirtos e despojados,
Na bruma, ao longe, transfigurados,
Nevoas, visões!...

O' preces santas, preces da vida
A' morte unida
Sem convulsões,
Eis o meu peito: dai á minha alma
A fé, e a calma
Das orações!

Vim perturbar-vos, ó cedros mudos,
Cheios de crepes e de veludos,
Cheios de lutos e de visões:
Eis-me enraizado na tenra alfombra:
Deixai que eu viva na luz da sombra
Em que viveis!

O' negra fonte, fonte gelada,
Fonte em que o sonho se deu morada,
E a escuridão,
Que caia ás gotas da tua urna
A alma dos troncos, e a paz nocturna
Da solidão!

Eu vou descendo: tomo raizes
Que avançam, entram para países
Que eu nunca vi...
E desço, desço... topo uma pedra
Torneio, desço... Meu sonho medra
S'expande aqui...

Brancos fantasmas por sobre as aguas,
Bruma esgarçada por sobre as aguas,
Correi, correi...
Ide num giro subtil e tonto,

Mais outro, e outro, sem fim, sem conto,
Que é vossa lei...

Eu desço, afundo... Mais um avanço,
Outro... Repouso... Vou manso, manso...
Sinto defronte
Um tremor tenue, brando arrepio,
E um canto agudo, liquido, frio...
—Teu veio, ó fonte!

O' negra fonte, fonte gelada,
Fonte em que o sonho se deu morada,
E a escuridão,
Que caia ás gotas da tua urna,
A alma dos troncos e a paz nocturna
Da solidão!

Antonio Sergio

EU

Vivo no longe d'alma lacrimosa,
Evocando em meus olhos a Saudade...
Sou a Lua morrendo de saudosa...
Eu sou a Névoa erguida n'outra edade!

Vivo na Sombra. A minha carne alada
Tem frémitos de vaga, haustos d'espuma!
E' minha voz profetica resada
No longe raso em halitos de bruma...

Sinos da minha terra, o vosso som
Tem contas do meu têrço: é minha reza...
Moças, eu sou o vosso coração.

Terra lusiada a chorar tristeza:
Eu vivo em tuas aguas que lá vão...
Sou a triste paisagem portuguesa!

Santo Tirso—Jan, 1913.

Alfredo Ferreira

ISMAEL

A Teixeira de Pascoaes

pparentava dezenove annos.

Chegou á Casa da Serra, esfomeado e frio, por uma tarde de novembro, a pedir pousada, discreto de idiotia, sem que dissesse quem era, d'onde vinha...

Era mysterioso o seu rosto de cirio, em que ardia a luz distante d'um vago olhar de metal, e a curva roxa da sua bocca fina e sinuosa.

O lavrador da Serra, o Manuel Fortuna, insistiu com elle para que dissesse quem era. Encarou atarantado o Fortuna, disse o nome —*Ismael*, e começou a cantar uma lôa ingenua, d'um sussurro triste de levada occulta, levada d'alma que a dôr jorrava e perdia...

Pelos montes da Boa-Viagem, eminentes ao Mar, levava Ismael a vida simples de pastor. Pascia um grande rebanho de ovelhas, mas sómente ovelhas negras para trazer uma noite atraz de si...

Levantava-se ao romper do dia, e ia ver-se ás lagoas, nas laminas d'agua em que as ondas se volviam,—a contemplar o corpo de peccado, cuja imagem o mar embalava e possuia!

Ha mais de anno que chegára á Serra, e parecia que fôra ha dois dias, tão harmonica era ainda a sua figura com aquella outra que beirara a casa do Fortuna pela tarde fria de novembro. O tempo mal desbotava a seda-cera da sua carne fresca de adolescente.

—E's feliz, dizia-lhe um dia o Fortuna. Não te envelhecem canseiras. Tão livre e innocente como um anho! Fazes bem, não te rales. Até a preguiça que para os outros é peccado mortal, te levará ao Céo, meu bemaventurado! E, dando pela sua fixidez de somnambulo no lar accêso: Accorda! Que estás p'ara ahi a espiar o lume?

—Estou a fazer contas com os peccados da memoria, a queimar lembranças—disse Ismael. Não as sente? Ouço-as estalar, a arder com a lenha.

Passava horas a tentar o mar, a ler no espelho d'agua o segredo das formas, porventura a ver se descobria o genio de occultos desejos. Tinha a devoção dos ermos, do crepusculo e da agua. Na sua alma, vallada e circumvallada de sombras, pareciam errar velhas taras de Belleza...

Usava um calção justo de linho, que mal lhe zebrava o corpo de romano, flexuoso e estriado. No olhar, amarello e distante, pare-

cia encerrar em nevoa d'oiro mysterios de desgraça. Sahia de manhã, ás tardes e pela noite. Odiava as horas de sol.—Sou um cégo da Belleza, dizia ao lavrador, que o encarava e sorrir de piedade. O sol forte não é de Deus; é do Inferno. Queima, ou desbota. Estraga a gente nova. A muita luz compromette a Perfeição...

—E scismas com o sol, replicava o lavrador. Deus te dê juizo, toupeira.

Um dia encontrou um forasteiro, em excursão pela Serra.

—E's d'aqui? perguntou a Ismael.

—Eu! disse o pastor admirado, não me conhece? Pergunte lá em baixo, em Buarcos. Sou o Doido—não sou d'aqui, sou do Norte—a alma da minha paizagem, rica de collinas e sombra... Vim conversar o mar—ver se afogava n'elle o pezar que me creou... Mas não cabe no mar!

—E onde dormes?

—Onde o somno quer. A terra é toda minha. Quem é pobre tem tudo! Tudo! Durmo ao acaso. E durmo sempre bem, em cama fôfa. Sou eu mesmo o meu colchão de pennas...

Não me magoam as pedras, se me recosto a ellas!...

—Quem são os teus paes? perguntou o viajante.

Ismael sorriu e encarou a distancia, começando monotono a lôa de sempre...

O mais dos dias que subia ao pico alto da serra, sentava-se n'um rochedo e alli quedava horas a vagar os olhos na distancia ou pela nodoa escura do rebanho, perdido nas cambiantes da tarde. O povo de Buarcos conhecia-o, de facto, pelo Doido.

E pouca gente tentava a Serra á hora em que apascentava os rebanhos.

Tardes de novembro! Paizagem, horas vermelhas...

O Cabo-Mondego, recolhido n'uma penumbra vermelho-desbotada, juntava á do céo a sua côr barrenta, mal attenuada pela gaze verde do matto ralo, debruçando-se como uma figura immensa nas aguas indecisas da bahia... Aves marinhas em fila escreviam no céo febril reticencias d'aza.

O mar tingia-se das reflexões do céo, lançando, pela praia fulva, queixas rubras da maré nevrotica. Velas vermelhas, como petalas de rosa esparsas d'alto, balouçavam sobre o mar—damasco, muito crespo dos seus desenhos.

Mar e Serra pareciam reflectir a luz vermelho-oiro das folhas crestadas do outomno.

Era o tempo que Ismael mais vivia. E foi numa tarde assim, á hora em que o crepusculo revela o extranho das coisas, cortando-as na meia luz—que a mulher do Fortuna foi dar com elle, primeiro muito devoto e embevecido na paizagem e depois a gesticular no cerro alto da Serra.

—Assomou-te a loucura! disse a mulher. Deus te valha, ou te leve para si! E partiu a rezar, tangendo o rebanho sombrio...

—Vai-te machina de padre-nossos, lhe volveu elle. E continuou a bravejar, voltado para o sol, quasi a morrer em gemma baça.

Singular figura! Era um gladiador em lucta comsigo proprio. Movia de afflicção o corpo estriado, agora accêso de odios, surgindo n'aquelle cerro como um bronze que a chamma da tarde tivesse fundido! Um bronze que endoidecera, recortando-se, tragico, na paizagem de cobre, sombreando o fundo vermelho da linda tarde de côr...

De repente seguiu lesto para o pico do nascente; volveu-se ainda para traz, a ver o mar, que rolava alto espuma brava; correu pela Serra cortando, doido, o mysterio da Tarde; até que, amainando o passo, foi até meio da encosta de olhos fixos no valle.

Subito baixou-se até penetrar na *Lapa verde*, uma especie de caverna, em pedra escura, musgosa do tempo. Dentro, sobre a penedia intima, pousava uma cruz. Era uma cruz tosca de oliveira, nua de martyrio!

Ismael, olhou em volta, parecendo arrombar aquella abobada com a sombra do olhar, curioso e tragico, como quem procura alguma cousa, alguem... Subito gritou:

—O Livro! O Livro! A *Imitação de Christo!* Onde está? Quem m'a levou!

Oh meu doce veneno! Ouve-me auctor dulcissimo—oh venenavel Kempis! E, sahindo á abertura da Lapa, chamou:—Kempis!

E, no valle, resoou, em echos, o nome sagrado:

Kempis!

Hora indecisa. Valle e Serra tinham perdido a côr na bruma d'aquella ante-noite, toda ella um nevoeiro transparente, gaze fluida, aqui e alem amarfanhada—tecido humido de amarguras mysteriosas...

—Ah! disse Ismael. Estás ahi? Pode ser? Tanta gente! A communidade, os Agostinhos!

A que vindes?

—Os chamados ermos, disse em voz de nevoa Kempis, são as terras sagradas, as promettidas, os retiros santos. Sou o echo d'outra edade—a Edade Eterna!

E' da Virtude a terra de pousio. Só ella entende a dôr solteira dos maninhos.

Ella, a Virtude, que sou eu.

—Tu!

—Eu, que duvida? Escrevi com a alma as regras da Perfeição, —aquellas regras que a tua impiedade lê sem perceber.

E' pelos desertos que erro ainda. O deserto é uma abstracção da natureza—o retiro puro, onde sómente as almas vivem...

Aqui me tens! E commigo o meu velho Convento de Agostinhos—sombras brancas de velha contemplação...

E não me tenho eu guiado em boa parte pelo espirito da *Imitação de Christo?*

Fui rico, abandonei os bens, era nobre e troquei os appellidos de sangue por um nome que ninguem quer, porque inculca a raça dos perseguidos.

Era venerado e mascarei-me de loucura; chamam-me o Doido! E tudo isto para viver a vida perfeita! Que de vezes tenho dito ao Senhor, comtigo:

"Aqui estou nas vossas mãos, eu me inclino á vara da vossa correcção para que indireite meu torcido querer conforme vossa vontade„.

Mas Elle não me ouve. Penso que o seu genio é como o genio humano! Toda a creação ultrapassa o creador. Deu-me um instincto que não cabe em mim, que me vence e o ultrapassa! A Vida...

—A Vida, é alem de tudo, replicou a voz tôrva de Kempis uma Lenda, que os chamados superiores aspiram a realizar exatamente. Anáthema! Anáthema contra aquelles que pretendem obscurecer pelo genio da terra o reino ineffavel do Céo!

E os monges, brancos da nevoa, esparsos na collina:

—Anáthema! Anáthema!

E o vento em voz distante, pela nave immensa do céo, a reboar cansado, em notas asperas, as sinistras palavras:

—Anáthema! Anáthema!

—Ouves, dizia Kempis, a irritação de Deus!

Maculou o Céo a tua pureza de nómada sombrio, errante de orgulho, á caça da Belleza!...

"E' necessario pela corrupção original da tua natureza que desças a coisas baixas, e aguentes a carga d'esta corruptivel vida, ainda que seja contra vontade, com enfado. Emquanto trouxeres esse corpo mortal sentirás desabrimento e peso no coração.„

"Convem-te e has de gemer n'esta vida o peso da carne. Não podes occupar-te continuamente dos exercicios espirituaes, e contemplação das cousas divinas.„

O homem é simplesmente um gesso, embora um gesso admiravel, que se marmorisa e transfigura na lenta obediencia as leis reveladas de Deus.

—E não trabalharia Deus algumas creaturas fóra dos moldes e natureza vulgares?

Eu creio bem que sim. A essas creaturas disse Deus talvez—ide e revelae-vos. E ellas, revelando-se, revelaram-n'o, accrescentando Deus do genio inconsciente da sua imagem humanisada,—milagre ainda divino!

—Que importa o Genio! disse o santo irado. O genio mundano é a deformação da Alma.

Que tem creado? Monstros. Embora monstros de Belleza.

Jamais um humilde pronunciou a palavra—Genio que não fosse para exaltar Deus.

Ser humilde é estar com Deus...

O talento é ainda provação. Provação fecunda nos grandes santos da Humildade. Cada fórma é um cahos de amor.

Todo aquelle talento que se não volve em humildade, que

ESTUDO

De Xavier Pinheiro

não ascende a Deus é cegueira. São em geral cegos os chamados homens de genio. Cegos intimamente editando, escrevendo a traços de luz maldita e falsa, a vida escura da sua treva.

Afinal são victimas dum desvio da sensibilidade doente; estrangula-os o proprio circulo da sua febre!

—E de quem é a culpa? imquiriu Ismael, erguendo-se placido a encarar a visão de Kempis, branca de eternidade e bruma.

Culpar o genio é comprometter Deus!

Eu acceito-o como absoluto de Belleza. E, contra ti quero, a favor d'elle, que seja immenso de creação, ao menos tão grande como as minhas aspirações. Pois não hei-de poder medir as minhas torturas, a ancia de ver, de sentir, e hei-de medi-lo a Elle, limitar-me para que Elle me exceda!

Não, Deus sou eu, acrescentado de aspirações, desalentos, torturas, de tudo o que me faz sonhar, soffrer.

Deus é o Universo individualizando-se. Sou eu, és tu, é cada uma das figuras que me povoam a imaginação doente; é a planta, a voz do mar, tudo... Tudo o que eu sei que existe é Elle, sou eu!

—E no valle o echo repetiu:—Eu!

—Kempis! gritou Ismael.

E o echo na distancia:—Kempis!

—Ah! percebo, disse em surdina o pastor, a natureza vinga-me de mim, do meu phantasma sempre commigo. O echo é a voz da paizagem. Disseram-n'o os montes. Kempis, o meu phantasma, discorria ha pouco sobre os maninhos:—que eram a paizagem das almas.

A minha alma é um maninho povoado de espectros a luctar Perfeição. Sou a paizagem, os espectros...

A bem dizer—um doente da Belleza, revivendo na minha carne mortal, o conflicto de figuras—sentimentos, eternas d'aspiração!

Sinto na alma o trabalhar de uma officina de dôr! E que extranhas creações sepultas dentro em mim. Figuras mortas num tumulo vivo! Fallo a sua dôr. Sou a elegia indecisa dos marmores que enterro, o barro doloroso!

E, fixando uma quebrada do valle, revolto no véo humido da nevoa:

—Santa Thereza!

E o echo morrente e longe:—Thereza!

—E' pois certo que os chamados desertos são o mundo santo das almas errantes! Vem "lirio de ferro„! Por ti perderei a Soledade. Fundarás, trabalharemos ainda um convento, n'este ermo á beira d'agua.

Fundaremos uma nova communidade—o Convento da Belleza, lá em baixo na escarpa, onde o mar esfrangalha os folhos espumantes das suas rendas!

Sacrificarei ao desejo da tua sensualidade mystica. Quero dar-me á Belleza universal que a tua figura individualiza e só a ella. Vem!
—Sou comtigo ouviu Ismael, n'uma sombra de voz que vinha curva da collina.

O seu olhar allucinou a paizagem, revelando a monja. E o pastor ouviu ainda:

Descansa, vivo em ti, sou comtigo. Mas não poderás jamais attingir-me. Sou alma errante—a migrar vida mystica...

Se me não attingi quando no mundo era uma fórma, como hei-de attingir-me hoje que sou uma aspiração, em ti! Os homens são as habitações dos espiritos eternos—o Céo e o Inferno dos purificados da tortura. Nada falece. Tudo migra. Vive a immortalidade do espirito a carne mortal. A Morte é mera estação de Dôr. Cada geração arrasta uma herança de angustias, accrescidas da tortura propria.

Nos artistas choram as taras da Raça. E's um mundo de taras, a gerar monstros de Perfeição. És a synthese torturada d'esses monstros. Evolutes a sensualidade mystica que vivi para alem do Céo, do mundo...

Eu alava-me das curvas puras de Jesus suave. Povoava os sentidos do mundo extranho e puro dos divinos marmores. Nota bem—o Céo existe! Creou-o a Fé. Tudo na vida reproduz. A propria Morte fecunda...

A Oração creou o Céo! Tu evolutes o paraiso da minha oração, da oração de todos os crentes. Louvado seja o Tempo! Vejo-me continuada em ti. No Artista evolute o santo. Os rudes chamam-te doido. Verdade plena! Arrebata-te a divina loucura. Entre o que és e o que fui só medeia o tempo. O céo que me habitava era um mundo brando de aspirações erraticas, intimamente aladas...

Tu és mais:—a propria vida a contemplar-se. Erra dos teus olhos o fluido religioso que unge a vida da paizagem. O Mar é para ti um céo diluido, accrescentado dos teus olhos, engrandecido dos teus sentidos.

Eu allucinava-me das linhas virgens das imagens, lampada a consumir-se em labaredas de oração.

O mar vaga os teus sentidos. Vives o seu alabastro liquido, a encapellar seios de espuma, onde pulsam magoas da tua nevrose! Rasas na planicie horas marasmadas. Vives a alta convulsão das montanhas, aterrorisado do mysterio da sua propria grandeza. Fundes-te em paizagem, religioso de ti, e admiras-te de ver naufragar a sombra no proprio mar dos teus sentidos, que são os sentidos de tudo o que vive na Terra para alem do Céo!

Eu sou em ti o sonho alado de anciados desejos religiosos—um deslumbramento mystico do desejo. Fui no mundo um nome cujo significado é sepulto no teu religiosismo inconsciente.

Resurjo do mundo dos mortos a peregrinar sentimento—sentimento vivo d'uma aspiração eterna!

Desfez-se a nevoa. E o pastor, cego do novo dia amanhecido, sentindo-se o involucro doloroso de um mundo, infernal e superior, volveu a contorcer-se, mysterioso, extranho! Era na Serra, agora alvadia, banhada da manhã—um foco de sombra, de tristeza!...

Até que, deslumbrado, partiu a internar-se na Lapa Verde. A velha cova, ponto de accesso á galeria intima da montanha, fez-se mais intensa de treva, treva fecunda de indeciso sentimento.

O coração de Ismael, exaltado de amor, ficára a pulsar no seio da Serra a vida da paizagem. E a paizagem, tocada do céo pela manhã e da lucta voluptuosa e torturante de Ismael, abria-se cheia de Belleza, religiosa, e pagã, em paginas de humanissimos scenarios!

A Natureza dava-se em livro d'Amor, revelação fecunda de novas elegias, horas de sombra e luz. Era a Terra a sentir, a imaginar! Não havia mais intermediarios.

A Arte fizera-se emoção. A emoção vencera o Elemento.

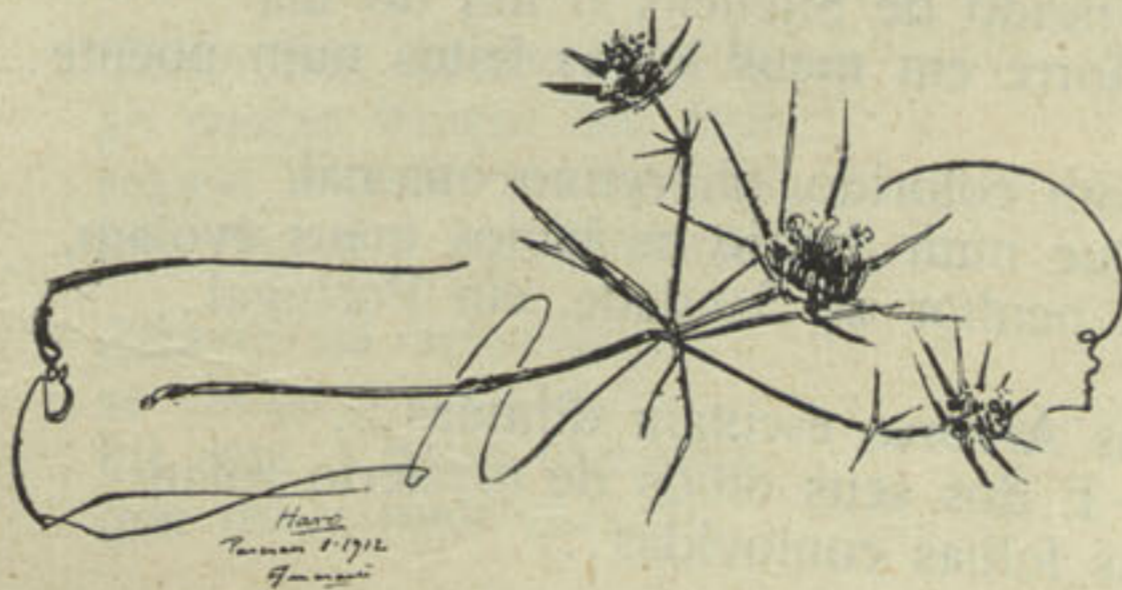
O proprio Céo descera. O Mundo havia attingido a extrema nebulosa.

Haviam-se confundido o Artista e a paizagem.

E a Terra, intranha do coração do Artista, sonhava fecundar da sua amargura—o novo Reyno da Belleza, outras arvores, outros homens, novos fructos...

Ancêde—Dezembro, 1912.

Do livro no prélo:
Os Doentes da Belleza.

Villa-Moura

LAGRYMAS

Ao Leonardo Coimbra

Eu vou sofrendo, em lagrymas suspenso,
A divina Belêsa de chorar...
A minh'alma desfaz-se em fogo intenso,
—Eterna labareda a crepitar!

A Belêsa do fogo e do sabor
Das lagrymas que cáem... Oh meu Deus!
Rezando contas mysticas de dôr,
Eu hei-de eternizar os olhos meus!

Eu aprofundo as lagrymas choradas
Da fonte, onde a minh'alma está de bruços,
A mirar-se nas liquidas toadas...

Silencio... Oh dôr que nos meus olhos poisas...
—Ouve-se murmurar: são os soluços
Das lagrymas quebrando-se nas coisas!

Da Comoção das Arvores...

Mãos erguidos das Arvores, rezando
A tristesa da tarde e da penumbra...
E o Frei-Outono, palido, evocando,
Em humildade, em extase deslumbra...

Mysterio... A alma vibra em harmonia,
Tocada pela Sombra comovente...
Ungido de Silencio, o fim do dia
Morre em meus labios feitos num poente...

Som colorido, oh rytmo outonal,
Que num delírio os labios meus evolam,
A penhor de Saudade, em Portugal.,.

As Arvores escutam diluidas...
—E dos seus olhos de mysterio rolam
As folhas comovidas...

Porto, 13-XI-912.

Carlos de Oliveira

CANTIGAS

O que passou já não é,
o que já não é que importa?...
De que val'ter sido alegre
depois da alegria morta...

Quem fitar um dia o sol
logo se ha de arrepender:
olhará depois em roda
verá tudo escurecer...

Tenho, Mãe, o teu amor
nenhum mais tenho encontrado:
da Vida que tu me deste
só tu me tens consolado.

Riso e lagrimas são bens
com que Deus nos quiz fadar,
se algum tiver de perder
que não seja o de chorar...

Illusão bemdita sejas;
mal hajas desillusão:
quanto bem que já não volta
roubaste ao meu coração!

A florir quanto mentis,
alcachofras enganosas,
mas, por tão doce mentir,
que Deus vos converta em rosas...

A areia do mar é ouro
quando o sol a faz brilhar,
e são as ondas de prata
quando lhes bate o luar.

Como nós, tambem as flores
ao nascer trazem seu fado:
manso e triste rosmaninho,
nasceste p'ra ser pisado...

Atravez da desventura
se chega à resignação:
foi esse o triste caminho
que fez o meu coração.

Candida Ayres de Magalhães

O SORRISO DA ESPHINGE

A Augusto Casimiro

Sentado a uma das mezas fronteiras a um café da Avenida, deante de um copo de cerveja aloirada e espumarenta, Paulo Julião, o chronista notavel e applaudido poeta de acrosticos nos serenins de uma condessita russa de Petropolis, olhava, tranquillo, a multidão elegante.

Estava impeccavel e rigido mettido n'um fraque preto, e a sua cartola reluzente parecia reverberar os ultimos raios do sol daquelle fim de tarde cariciosa de Primavera.

Accacio Ribas, redactor de noticias de festas, rapaz conhecido na alta roda, approximou-se, muito enfatuado, e cumprimentou amistoso e sorridente:

—Julião!... Estheta magnifico!...

O outro levantou os olhos, calmamente, e fez um gesto offerecendo uma cadeira ao lado:

—Senta-te...

Accacio sentou-se e lançou um olhar muito expressivo para o creado que rondava, solicito, nas proximidades das mezas.

Paulo Julião comprehendeu e bradou para o creado:

—Rapaz!... Mais um „chopp"... Claro...

E os dois amigos entraram a fallar de puerilidades de bailes aristocraticos, fazendo referencias em surdina a respeito da reputação de certa baroneza que conheceram em Petropolis, numa recepção em casa de um diplomata excentrico.

—É linda!... Disse Accacio. E sorriu para o amigo, dando um estalo com a lingua e arregalando os olhos com malicia.

E emquanto iam discorrendo impavidamente sobre frioleiras da vida intima dos outros, esgotavam mansamente os copos de cerveja que se iam succedendo numa progressão assustadora.

A um canto da meza empilhavam-se as rodellas de papelão significativas.

Os dois amigos chegaram até ao ponto em que os mais cerimoniosos abrem a alma na ancia consoladora de uma confissão.

Chegaram ao instante perturbador e romantico das confidencias.

Paulo Julião assestava com impertinencia o vidro espelhante do monoculo.

Accacio Ribas moveu lyricamente os olhos azues e bateu com intimidade no hombro do amigo.

—Julião... A mulher é uma esphinge...

Julião pensou um momento e fulminou o outro com esta invectiva de inveterado anti-feminista:

—Para os idiotas como tu... Si conhecesses Nietzsche, não

fallarias assim... Já leste o pensamento do philosopho soberano?...

—Qual?...

—A tua ignorancia é indecorosa... Pois tu não conheces?... Elle tem um pensamento que diz assim: "Dizem que a mulher é profunda. Porque nella jamais se chega ao fundo?... A mulher nem siquer é plana."

Accacio moveu os hombros num gesto de indifferença.

—Não conhecia...

—Nem Schopenhauer, o grande pessimista?... Já vejo que desconheces os allemães... São profundos... Deves lel-os...

Accacio interrompeu:

—Eu apezar da tua cultura complicada, continuo a affirmar, convicto, que a mulher é um enigma indecifravel... È a personificação da Esphinge de Thebas... Inutilisa todo aquelle que della se approxima com o intuito de descobrir-lhe o mysterio...

Nesse ponto, depois de um silencio, Accacio, com a corda amorosa da alma tangida fortemente, entrou no terreno das confidencias.

—Meu caro amigo... Ha um mez que estou tentado por uma mulher extranha... Não a conheço bem, e todas as tentativas nesse sentido tem sido improficuas... Não sei como se chama, não sei onde móra, não sei o que é... Sei apenas que é fascinante, que tem uns olhos negros que brilham como se fossem dous grandes olhos de vidro, e tem uns labios polpudos que parecem ninhos de beijos...

Paulo Julião começou a prestar attenção á narrativa do amigo. Olhou-o com interesse encorajador.

—Essa mulher, vejo-a todos os dias... É gorda... Não é muito alta... Os seus movimentos são harmoniosos, rythmados como uma musica extranha... As suas roupas são exquisitas... tem cores phantasticas... A primeira vez em que a vi, ella vestia um traje rico de uma côr de terra de Síenna que um veu negro finissimo envolvia discretamente... Eu estava sentado aqui, no mesmo logar onde estamos agora... Ella passou... Eu olhei, fascinado... Ella sorriu mysteriosamente, com um sorriso que foi uma caricia voluptuosa para o meu corpo... Ella passou e eu segui com o olhar avidamente a plumula alvissima do seu grande chapéu preto...

Paulo Julião indagou, curioso:

—Que cara tem essa mulher?

—Uma cara differente de todas as outras... Bizarra, meu amigo... Muito bizarra e, por isso mesmo, lindissima...

Encantadora... Tem os olhos negros... É levemente estrabica! Ah! meu amigo!... Naquelle estrabismo reside todo o encanto daquella creatura... O seu nariz é fino, suavemente recurvo... A sua pelle é amorenada... Os seus cabellos são negros e brilham como uma aza de corvo... O seu sorriso, porém, é um maravilhamento... Como no primeiro dia, todos os outros dias em que a encontrei aquelle sorriso enigmatico arrastou-me... Aquelle sorriso era uma promessa voluptuosa... Ella passava e eu seguia-a extasiado.

Approximava-me para falar... O sorriso desapparecia... Eu perdia o animo... Passados instantes, voltando-me para ella de novo via o sorriso frio, doce como um afago enternecido, pousando como uma abelha sequiosa, na polpa sangrenta dos seus labios... E mais nada... Nunca cheguei a trocar com ella uma palavra siquer... Encontrei-a num bonde e sentei-me a seu lado... Paguei-lhe a passagem... Ella sorriu...

Murmurei palavras enthusiasticas á sua belleza; enternecido, falei-lhe do meu grande amor... A todos os meus rogos ella respondia com um olhar muito negro e perfurante e com aquelle sorriso phantastico que lhe dansava nos labios promissores.

Paulo Julião endireitando na orbita o monoculo, resmungou:

—Francamente, meu amigo, não te comprehendo... Pelo que vejo estás apaixonado pelo sorriso da mulher... O sorriso e mais nada?...

—Nada mais... Naquelle sorriso está toda a sua belleza magnifica... O estrabismo é o complemento dominador do encanto...

Os dois amigos levantaram-se. A noite cahia... Os lampeões esguios começavam a mostrar na treva as suas amarellas cabeças luminosas.

Paulo Jolião, caminhando inquiriu:

—E nunca mais a viste?

—Vejo-a todos os dias... Vejo-a passar, e quando o seu vulto solemne se confunde com a multidão vejo bem nitido diante de mim o seu rosto e o seu sorriso immovel de esphinge, imperturbavel e olympico como um misterioso sorriso de pedra...

Rio de Jaueiro-912

XAVIER PINHEIRO

De Júlio Costa

Sinfonia do Amor

I

Toda a materia em Forma é diluida,
Em Forma espiritual se vaporisa,
E mais fluida, perfeita, mais sentida,
Numa Curva ideal se concretisa.

A linha em Curva vaga divinisa
A Forma inicial em Côr vivida;
A Curva, em Som vibrante, finalisa
Em nublose de Som, em Côr perdida...

Espirito da Côr, ó Som vibrando,
Embala minha alma, em vão buscando
A Forma espiritual do meu pensar.

Ó Som que és Forma e Côr em Curva pura,
Enche minh'alma vaga de ternura,
Vive em minh'alma para eu amar.

II

Eu subi da materia onde vivia
Á Forma espiritual do Pensamento
Num crescendo de Sonho e d'Harmonia,
Arrebatado e louco como o vento.

Teu corpo esculptural que eu sentia
Humanisado em carne—num momento
Esse corpo era Forma que vivia
Desfeita em Côr e a Côr em movimento.

Movimento de Côr é Som bemdito,
Ondeia em Curva etherea e delirante
E em Curva vae morrer no Infinito.

E desde então teu corpo delicado
É um hymno de Côr em Som vibrante,
E em Som, ó meu Amôr, divinisado.

Lisboa, Fevereiro de 1913.

Do livro "Sinfonios", em preparação.

Cortes Rodrigues

XAVIER PINHEIRO

Ha vinte annos já, n'uma tarde luminosa de junho, estava o Alfredo Xavier Pinheiro deitado no seu esquife, coberto de flôres, como que dormindo na tranquilidade do seu sorriso de creança. Abandonava o ninho fôfo e amoravel da sua familia, o delicado convivio dos seus amigos queridos, e sobretudo, apartava-se da linda e terna paizagem portugueza, que elle tanto admirou e sentiu e amou.

Evocar, agora, a figura nervosa d'esse rapaz, d'esse inteligente e finissimo espirito, d'essa alma de profunda emoção, é talvez preciso, se repararmos bem, para o nosso meio grosseiro e frustre, onde, quasi toda a gente deseja digerir melhor, do que pensar e sentir. Magro e franzino, não muito alto e curvando levemente, elle tinha um andar inquieto, como que sacudido pelas vibrações do seu sonho, nunca satisfeito; na conversa, de pé, o seu gesto era um pouco desconcertado, e queria indicar, por certo, que a palavra e a expressão não lhe eram suficientes para demonstrar a intensidade da sua percepção ou da sua sensibilidade; com um geito muito caracteristico levava a miudo as mãos ás lunetas para as segurar, n'aquellas convulsões musculares do seu rôsto, que tanto o animavam e que tão expressivas de sugestão sublinhavam a sua phrase. E d'este modo o recorte interessante e vivo do seu perfil, denunciava exteriormente a febre interior que o consumia.

Fôra-lhe destinada, por seu pae, a carreira de medico e para isso frequentava os estudos preparatorios do Lyceu, mas bem contrariado e até com aversão, pela disciplina e pelo mestre, que, ainda por esses tempos, era crú e autoritario, e em grande parte devido ao seu temperamento cheio de variedade, buliçoso e colorido. Elle, de resto, não era um insubmisso, nem um revoltado, bem pelo contrario, conformava-se com uma grande bondade infantil a qualquer situação que lhe desagradasse, mas seria necessario trata-lo com ternura e quasi com mimo. Assim era docemente um sonhador e graciosamente um amoroso. Comtudo, Xavier Pinheiro, não tinha, nem teve feitio para estudar com um programa e um regimen, pautadamente e com demoras, como certamente seria imprescindivel, para a profissão que lhe marcara seu pae. D'ahi, elle arredava-se dos livros escolares e interessava-se por outros livros de literatura e d'arte, aonde o seu ser emocional se espanejava como um cysne na claridade de uma agua funda.

Bem se hão-de lembrar os que com elle conviveram, como nas horas de preparar as lições, o Xavier se distraia com os rabiscos feitos n'um pedaço de papel, encontrado ao lado, ao seu alcance; ia deixando correr a phantasia ligeira e passados alguns mi-

nutos, o seu espirito não estava alli sobre a pagina da geometria, pairava longe—n'aquelles longes tão desejados pelas nossas aspirações, e que não podem ser definidos, por terem a inconsistencia d'um halito de perfume. Então, muitas vezes, elle pegava na penna, afastava o compendio, e compunha os seus versos meigos e lyricos, ou anotava, n'uma prosa corrida e nervosa, as impressões d'um livro lido, com uma finura subtilissima d'artista. De vez em quando tinha infantilidades adoraveis, pela maneira simples e sincera como as exhibia; pois estou recordando um domingo alegre de sol, em que o fui visitar, e que o encontrei junto a uma pequena taça do seu jardim, á rua de Santa Catharina, deliciando-se com o seu vaporsinho de corda—o Certoma—a marulhar na agua crespa. E esse vaporsinho foi por elle proprio baptisado, e pintado de côres novas.

Com a alma embebida d'uma candura infinita, o Xavier soffria com o contacto aspero da convivencia dos homens brutalisados pela embriaguez do goso sensual da Vída; aquella sua alma, pela intensissima emotividade que possuia, pela febre ardente de verdade e de delicada perfeição a que se idealisava, doía-se enormemente com a mais pequena demonstração de violencia ou falsidade que antevisse. Por isso, elle não poude suportar, sem protesto, a disciplina das nossas escolas, que, para a sua compleição era enfadonha e tyranica; não poude admitir, sem clamôr, a arrogancia dos mandões, que costumam atirar para a gente, desrespeitosamente, as baforadas do seu poderio; não poude, nunca, gosar a alegria e provar a dôr, senão muito fundamente, muito intimamente, sempre cheio de ternura. O seu nervosismo tinha uma plasticidade, propria a moldar-se sempre a qualquer manifestação d'arte quer fôsse pela côr ou pelo som. Assim elle adorava a exhibição da natureza com todos os tons das diferentes estações do anno, e embalava-se com a harmonia dos concertos e orchestras, até como executante, pois o Xavier interessava-se pela composição musical, tocando piano em horas maguadas para que a sua ancia se dissolvesse na fluidez da musica.

Aquelle espirito, que valorisando era d'um criterio tão justo, amaciava-se n'um veludoso scismar, como ave aprisionada, mas ave acalentada; e algumas vezes, em plena bohemia intelectual soltava o vôo largo e ruidoso, riscando bem frisadamente a sua passagem, na fina atmosfera da arte.

Decerto foi a pintura e a aguarela o que lhe seduziu mais vibrantemente a sua complexa organisação d'artista, e portanto elle deixou, senão uma obra fortemente fundamentada, porque não teve tempo de a acabar, elle deixou no grande campo humoso e iluminado da estetica um largo sulco bem fundo, com o seu impresionismo alado e insinuante, e no nosso meio, alguma coisa de magnificamente bello, onde elle prendeu a alma toda, aquella volatil expressão que se solta para nós, de suas télas, com um encanto empolgador. O motivo da facil transmissão do sentir d'esse artista emerito, reside na forma justa como elle procurava interpretar os momentos sensoriaes da natureza e por certo na vibratil constitui-

ção do seu diapasão d'harmoniosa sensibilidade. Elle proprio, na sua correspondencia intima, tida com o seu mais querido amigo, esse ilustre jornalista que foi Oliveira Alvarenga, dizia o que sentia, n'esses minutos de excitação, em frente da natureza, da luz, das côres, dos sons.

Assim, elle lhe escrevia da Figueira da Foz—"Ha aqui manhãs espantosas, verdadeiramente espantosas. Nunca vi, nunca senti tanto a natureza. Isto faz mal, muito mal. Você não calcula o poder de magia, de encanto e de frescura, que ha n'uma manhã d'aqui."

E descrevendo a bacia de Buarcos acrescenta—"Coloque agora tudo isto na luz, o vapor d'agua, a espuma das ondas bravas a areia dourada, porque aqui a areia é dourada, os tons de opala, de esmeralda, da agua mergulhada no banho da luz, e terá o mais encantador panorama..."

Em outra carta escripta de Mogofores—" Não tenho tempo a perder por causa das minhas paisagens. Quando se sente um pouco, quando se quer traduzir, bem emocionado, na téla um aspecto da natureza, defronte da qual a gente precisa scismar, como em cima de um texto dificil, é que se comprehende bem, quão pequeno é o tempo de que dispomos, e que nem a vontade, nem mesmo a limpeza de cerebro, podem acompanhar, na sua morosidade, a tecnica da pintura, sempre demorada, sempre massadora."

N'uma outra, tambem de Mogofores—" Mas, o Alvarenga calcula que a natureza deve ter-me estonteado e que, só agora, passado o periodo da bebedeira é que a alma se lembra..."

N'outra carta, elle diz—"As minhas pinturas são: um effeito da manhã, um estudo, e um effeito de sol posto, incompleto ainda. Mas, como tudo isto é mau e me enche de desanimo! Em face da natureza o pincel conhece-se impotente para lhe interpretar a alma. Eu bem me abstrato do mundo, quando pinto, bem abro as narinas para que o perfume da natureza penetre até ao cerebro, bem mastigo as suas folhas para ver se ellas são doces ou amargas, para que o pincel traduza tudo isso. A minha ideia fixa de bem me possuir do que faço, não me deixa trabalhar, e o certo é que até hoje não fiz senão detestaveis coisas que me desgostam."

E referindo-se a uma paixão pela figura d'uma mulher que elle estimava e que se envolvia n'um certo momento d'uma paisagem, que o deslumbrava—"Chóro, e chóro muito, não pósso ser superior a este enorme capacete de encanto que me esmaga; e é tal o seu peso, ainda que feito das rendas da luz e do perfume, que insensivelmente os olhos se enchem de lagrimas."

Como se vê, Xavier Pinheiro era um temperamento emotivo, fazendo literatura deliciosa, naturalmente atraído pelo sentimento que lhe vinha das coisas amadas e desejadas. Escreveu e publicou em jornaes varios, junto dos seus moços companheiros da occasião, que eram, entre outros, o mais tarde tão sympatico revolucionario Heliodoro Salgado, e o fino cronista de Paris, Xavier de Carvalho; conheço mesmo, como seu, um pequeno folheto com o pseudonimo de Affonso de Queiroz, contra Camillo Castello Branco.

Porém, aonde o Xavier foi grande e original e demonstrativo, foi na pintura—a derivação do seu estado d'alma; sentia-se como que trasbordar uma taça cantante de crystal sob um veio d'agua desnevada e impetuosa. Elle foi um dos propulsores, n'um grupo de entusiastas, como Julio Costa, Marques Guimarães, Marques d'Oliveira e Adriano Ramos Pinto, da iniciação do movimento artistico no Porto. E a febril animação que comunicava aos seus companheiros, teve a vantagem de se traduzir em factos, como essas diferentes exposições de quadros que se efectuaram no Atheneu Comercial. Muita gente se ha-de lembrar ainda, do que foram aquellas festas lindas, cheias de vivissima espiritualidade. Quantas télas sugestivas e comovidas se mostraram n'aquella sala do Atheneu, n'um carinho intimo de delicada e fína expressão de solidariedade amiga e inteligente! Ao lado dos mestres, dos consagrados, apareciam os que tentavam vír para a frente—davam-se as mãos n'uma bonita roda de farandola alegre e vivaz, comungando todos na mesma hostia sagrada da Arte.

Foi alli, n'aquellas exposições que o Xavier Pinheiro, desfraldando galhardamente a flamula do seu impressionismo, apresentou os seus quadros a oleo, esses magnificos pedaços do seu ser; foi alli que elle, sem ter cultivado as academias, principiou a mostrar aquella tecnica tão sua, vinda de dentro exhuberantemente e des abrochando cheia de pompa, como a bella flôr da magnolia, vistosa e rescendente. Os seus motivos—os poentes doridos na iluminação atravez de choupos tristes, com reflexos humidos em retalhos d'aguas tranquilas e scismadoras, eram a profecia de sua doença descaroavel, que lhe prometeu a morte e não faltou.

Elle bem dizia ao seu amigo, ao seu amigo—irmão, ao Oliveira Alvarenga, que esteve sempre n'estes movimentos d'arte com toda a alma, elle bem dizia, nas ultimas ferias passadas em Mogofores—"Não estou melhor, porque conheço que tenho, dentro de mim, o germen de uma fatal doença, bem triste para o futuro, porque ainda, apesar do socego do campo e das muito boas coisas que fariam desaparecer de prompto os symptomas que sinto, o caso é que os tenho tão latentes como ahi."

E afinal elle queimou-se na fogueira crepitante e dominadora da Emoção, como doida borboleta atrahida pelo fogo tentador.

10 Fev. 913

Nuno Simões... de Sampaio

Nova teoria do sacrificio

(Continuação)

IV

Continuando o nosso inquérito aos mitos que têm por base a queda do homem, vamos encontrar entre os habitantes de Tonga um mito dessa espécie e que pertence ainda á classe de que nos vimos ocupando, isto é, dos mitos em que o alimento que faz pecar o homem, é um producto do reino vegetal.

Henri de La Tour conta que na ilha de Tonga, os seus habitantes dizem que, depois da creação da terra, os tres deuses mais novos deixaram Bolotuh e provaram os frutos da terra. Por esse facto despojaram-se da divindade, tornaram-se mortaes e perderam a alegria do Paraiso ([1]).

No antigo Egipto tambem a queda figurava na tradição. Um dos mais competentes egiptologos, Moret, conservador do Museu Guimet e Director adjunto de Egiptologia na Escola dos Altos-Estudos, resumindo os trabalhos de Lefébure acerca do pecado original entre os egipcios, diz: "O Snr. Lefébure, a quem se devem belos trabalhos acerca das questões das origens, vê qualquer coisa de semelhante á historia de Adão no paraiso terrestre, numa scena do mundo infernal representada no tumulo de Ramsés VI (cerca de 1200 a. C.), e num ataúde saíta do Louvre. "Está aí uma pessoa do sexo masculino, de pé, deante duma serpente de duas pernas e de dois braços, que lhe oferece um fruto vermelho, ou, pelo menos, um pequeno objecto redondo pintado de vermelho ([2]).„ "A arvore da vida e da sciencia, continua Moret, é conhecida no Egipto. Um dos capitulos mais antigos do Livro dos Mortos (o de dar ao morto o conhecimento divino) convida o defunto a pousar, como uma ave, no belo sicomoro dos frutos da vida ([3]).

Registe-se que os padres egipcios ensinaram aos homens que a terra, nos seus primeiros dias "no tempo do deus Râ„ era um Eden duma perfeita felicidade, e que o homem, cujo nome em egipcio é *Tem* fôra feito á imagem de Tum, sempre representado com figura humana. "Tum, que se chama tambem *Atum*, é pois o homem por excelencia, o que o aproxima curiosamente do Adão

([1]) Henri de La Tour — "Sept ans en Océanie„, 1856, citado por Luken — "Les traditions de l'Humanité„, trad. fr. 1862, vol. 1.º, pag. 186.

([2]) Os desenhos foram reproduzidos por Lanzone no seu "Dizionario di Mitologia Egizia„, pl. XLXXII.

([3]) Moret — "Au temps des Pharaons„, 1908, pag. 224.

biblico, cujo nome designa o primeiro homem, bem como o homem em geral (1). A ideia do pecado original domina a teologia dos egipcios. "A missão do homem na terra, é conjurar o pecado original„. (2).

O caso do deus mexicano Quetzalcoatl oferece certas semelhanças com o de Adão. A epoca de Quetzalcoatl é descrita pelos mexicanos com as côres mais brilhantes. A terra produzia espigas de dimensões enormes, uma multidão de aves canoras enchia o ar, e todos os vassalos deste rei eram ricos. Diz Clavigero: "numa palavra, era a epoca de Saturno, ao qual Quetzalcoatl se assemelha tambem pelas desgraças do exilio„. Vivia ele nesta felicidade suprema, quando Tezcattipoca, o grande espirito, querendo perde-lo, lhe apareceu sob a aparencia dum velho magico, que conhecia o processo de compôr a bebida da imortalidade. Ofereceu, pois, um certo licôr ao deus toltéque, que cometeu a imprudencia de o aceitar e beber. Imediatamente Quetzalcoatl tornou-se como ebrio ou louco, e o seu desejo foi desde então de voltar á sua fabulosa patria. Destruiu os seus palacios, secou todas as arvores de fruta que tinha plantado, e partiu, levando consigo todas as arvores que até aí tinham tornado tão encantador o paiz de Tulla (3). Parece-nos que nesta historia tão estranha se reconhece o nucleo da tradição do paraiso e da queda do homem. Aparece o alimento, (aqui um licor) causador da queda, a felicidade anterior a esse facto, por fim o exilio. Com efeito, no seu excelente "Manuel d'Historie des Religions„, Chantepie de la Saussaie, a proposito da felicidade paradisiaca antes do exilio de Quetzalcoatl, diz: "A idea do seu reinado associa-se á duma edade douro; uma paz profunda reinava então, a prosperidade era universal, e a fertilidade do solo incrivel (4).

Tambem um licor causou a perda de Dshemchid, que a mitologia persa diz ser filho do glorioso Tahmuras. No tempo de Dschemhid, o Iran gosava uma felicidade paradisiaca. O mundo era calmo, e as aves e os Péris obedeciam-lhe (5). Mas Dschemhid, cavando os fundamentos duma cidade, encontrou um vaso maravilhoso, chamado Dscham, cheio da mais preciosa bebida. Após esse achado apoderou-se o orgulho do seu coração, quiz fazer-se deus, o que foi para ele uma causa de desgraças (6). O dia tornou-se noite, o sangue caiu dos seus olhos sobre o peito, e os terrores do criminoso apossaram-se da sua razão (7).

O Edda de Snorre não deixa de referir-se ao pecado original, que, de resto, aparece tambem no ciclo das tradições germanicas. A acção decorre, não entre os homens, mas entre as Asas, seres

(1) Lefébure – "Le Cham et l'Adam égypciens„ cit. por Moret, ob. cit. pag. 223.
(2) Moret – ob. cit., pag. 233.
(3) Girard de la Rialle – "La Mythologie Comparée„, 1.º vol., 1878, pag. 311. V. Luken, Les Traditons de l'Humanité, vol. 1.º pag. 178.
(4) Ch. de La Saussaie, "M. d'Historie des Religions„, tr. f. 1904, pag. 26.
(5) Firdusi – Shah-Nameh, tr. de Mohl.
(6) F. Creuzer – "Religions de l'Antiquité„, tr. de Guigniant, 1845.
(7) Firdusi, ob. cit.

divinos. A imortal Idhunna vivia com Bragi, o primeiro dos *skaldas* ou cantores inspirados, em Asgard, no Midgard, o meio do mundo, o paraiso, num estado de perfeita inocencia. Os deuses tinham confiado á sua guarda as maçãs da imortalidade; mas Loki, o astuto, o autor de todo o mal, o representante do mau principio, sedusiu-a com outras maçãs que tinha descoberto, dizia, num bosque. Ela seguiu-o para as colher; mas, imediatamente foi arrebatada por um gigante, e a felicidade desapareceu o Asgard ([1]).

Veremos que outros mitos scandinavos se referem ao nosso assunto. Este, porém, merece que um pouco nos detenhamos no seu exame, pela semelhança que tem com o mito da queda do homem, contado no Génesis.

Aqui, tambem ha um promotor da queda, um tentador, que é Loki. O estado anterior ao delito, é o de perfeita felicidade e inocencia no paraiso; aparece um par, como Adão e Eva, que é Bragi e Idhuna; ha tentação exercida sobre a mulher, como no caso da Eva; depois da queda, ha o abandono do paraiso, como tambem no Génesis.

Mas um dado que revela iniludivelmente uma comunidade de origem antes do que emprestimo mais ou menos tardio, é a acentuada distinção dos dois alimentos, o da imortalidade e o que originou o crime. No Génesis, essa distincção existe, mas pouco vigorosa, a ponto de grande numero de mitologos considerarem a arvore da vida como um duplo da arvore da sciencia, tão apagados são os caractéres diferenciaes.

Já dissemos qual a interpretação a dar a esses dois alimentos. O da vida, é o alimento permitido, o fruto das arvores, a alimentação normal de antropoide: o do bem o de mal, da sciencia, é o novo alimento, a carne dos animaes, que foi a causa dos maiores males.

O Génesis diz-nos, é certo, que depois do seu pecado, foi proibido ao homem alimentar-se da arvore da vida, guardada daí por deante por cherubins de espadas flamejantes, e não faz alusão a qualquer espécie de proibição a respeito do consumo dos seus frutos antes do pecado; comtudo essas indicações, vestigios fossilisados da narração exacta, não teriam virtualidades para desenvolvimentos que conservassem pontos de contacto com a verdade.

No mito scandinavo, a separação dos dois alimentos é formal, completa. O alimento descoberto por Loki nada tem que ver com o alimento da imortalidade confiado a Idhuna e Bragi. Existe até em outro logar, consoante a fala do tentador. Se tivermos em vista as deformações a que já dissemos estar sujeita a noção de alimento, vemos que se trata duma narrativa muito bem conservada, justificando plenamente o nosso modo de ver.

Se bem que dando-lhe uma interpretação diferente, Brasseur de Bourbourg, o tenaz e arrojado americanista, espõe que, o que

([1]) Gybfaginning, str 26 e 33; Bragaerœdhur, str. 56. V. Lenormaut — "Les Origines de l'Histoire„, 1880, vol. 1.º, pag. 72.

ESTUDO

De Xavier Pinheiro

pareceria resultar dos variados documentos que teve sob os olhos, seria a idea vaga duma doutrina analoga ao dogma cristão da decadencia, que se encontra espalhada mormente nas tradições mexicanas, e que, quanto a ele, se explicaría aqui pela decadencia duma imensa civilisação primitiva, etc ([1]). Em nota a esta passagem, o sabio padre transcreve varios trechos do *Codex Letellier*, reforçando o seu asserto, um dos quaes é como segue:

"Este lugar que se dize Tamoanchan y Xuchitlycacan es el lugar donde fueron criados estos dioses que ellos teniam, que asi estando como dezir en el parayso terrenal, y asi dizen que estando estos dioses en aquel lugar, se desmandaron en cortar rosas y ramas de los arboles, y que por esto se enojo mucho el Tonacateuctli y la mujer Tonacaciuatl, y que los hecho dalla de aquel lugar, y asi vinieron unos a la tierra y otros al infierno y estos son los que a ellos ponen los temores ([2])." Na mesma nota ha a referencia a um tronco de arvore coberto de flores, quebrado pelo meio e cujas raizes são regatos de sangue, e a transcrição que segue, ainda do mesmo codex: "Para dar a entender que esta fiesta no era buena y lo que haziam era de temor, pintan este arbol ensangrentado y quebrado por medio, como quien dize fiesta de travajos por aquel pecado."

Parece surpreender-se aqui a fusão do mito da arvore da vida com o do pecado orignal — a alimentação carnea.

Aqui a arvore sangra. Não será a sobreposição dos dois mitos? Num fazia-se a apoteose de uma arvore representativa da primitiva alimentação, no outro deplorava-se um animal morto, e suas desastrosas consequencias. E a passagem do codex não é isolada na mitologia. O mito de Erychsiton ([3]), cantado por Ovidio, tem certa analogia com o mito mexicano, como vamos ver.

O crime de Erychsiton consistiu em este cortar uma arvore consagrada a Céres, um carvalho, segundo Ovidio, um choupo negro, segundo Calímaco ([4]). A' vista de Erychsiton, com a arma, a arvore tremia e gemia. Logo que a atingiu o primeiro golpe, corre o sangue da casca entreaberta, "tal como corre, ao pé do altar, o sangue do pescoço cortado dum touro, grande vitima." Veio o castigo, e terrivel. Uma fome insaciavel perseguiu Erychsiton. Quanto mais comia, mais queria comer. A versão de Ovidio difere da de Calimaco ([5]). Neste não se menciona o sangue da arvore, o que não prova que Ovidio inventasse essa particularidade. George Lafaye admite que as diferenças entre as narrações dos poetas romano e

([1]) Brasseur de Bourbourg — "S'il existe des Sources de l'Histoire primitive du Mexique dans les monuments égyptiens", etc, 1864, pag. 135-6.

([2]) Br. de Bourbourg, ob. cit. pag. 136.

([3]) O episodio de Erychsiton vem nas Metamorfoses de Ovidio, canto VIII, v. 742 a 878

([4]) Calímaco — "Hinos", VI, 38.

([5]) Georges Lafaye — "Les Metamorfoses d'Ovide et leurs modéles grecs" (Université de Paris, Bibliotheque de la Faculté des Lettres, tom. XIX) 1904, pag. 32 e seguintes.

grego têm por causa a influencia de outros modelos tambem seguidos por Ovidio, e continua: "não está provado que Ovidio tenha inventado o que substitue ou acrescenta a certas passagens do Hino a Céres [1]."

Mas este dado das arvores que sangram, que tremem, que sentem, é vulgar. Algumas arvores, mesmo, têm nomes de animaes e são-lhes identificadas. No 1.º volume da "Mythologie Botanique, de Angelo de Gubernatis, ha dias falecido, ha uma abundante cópia de taes casos. Ainda uma origem de equivocos na especificação das especies vegetaes e animaes dos diferentes mitos, a acrescentar ás que já estudamos.

A série de mitos em que um alimento funesto é um produto vegetal, susceptivel de ser muito aumentada [2], poderia dar ao leitor a idea de que, com efeito, é um alimento vegetal a que a tradição se refere, e que é um verdadeiro contrasenso torcer-se um sentido tão evidente. Já demos, porém, as razões da variação da noção de alimento, e no proximo capitulo veremos que os mitos mais importantes, mais representativos, referem-se precisamente a carne.

Matosinhos, 7—3—912

(Continua)

José Teixeira Rego

[1] G. Lafaye — id. pag. 134.
[2] V. Luken — "Les traditions de l'Humanité"; Lenormant — ob. cit.; "Encyclopedie" de Migne; "Encyclopædia Britannica", art. Adam. Dillman — "Génesis", etc. etc.

LISBOA PREISTORICA

A ESTAÇÃO NEOLITICA DA CÊRCA DOS JERONIMOS

(Conclusão)

Os **objectos** arqueologicos que se recolhem no subsolo e á superficie do terreno em toda a area da estação arqueologica da Cêrca dos Jeronimos, dão-nos ensejo, pela sua diferenciação em categorias, a que os enquadrêmos todos numa das 3 classes de utensilios, armas e restos de cosinha, podendo juntar-se-lhes uma secção especial, em que se estudem todas as manifestações primitivas da arte.

A frequencia e especialização nos achados, de objectos de qualquer das series establecidas autorisa certas conclusões cheias de verosimilhança, quando não absolutamente sem defeito. Assim, do facto do aparecimento constante de armas de guerra numa estação, devemos sem dificuldade admitir a existencia e residencia de um povo guerreiro, da descoberta de utensilios agrarios a de um povo agricultor, do achado de abundantes rebotalhos de fabricação de objectos, restos de oficina portanto, a de um povo rudimentarmente industrial.

A proposito dos vestigios desta ultima especie, deve porém notar-se que só em circumstancias especiaes se pode attribuir a essas manifestações industriaes um desenvolvimento que chegue ao comercio de exportação. De facto, as duas importantes industrias da pedra e do barro, desenvolviam-se nos tempos neoliticos localmente, com elementos do proprio terreno ou arredóres da estação ou pelo menos trazidos para ela e lá preparados. Isto succedia por exemplo com o silex, que era levado em *rognons* ou em blocos para todas as numerosas estações de Lisboa e arredóres e nelas trabalhado, tanto durante os periodos paleoliticos como nos neoliticos.

A pedra, o barro, o osso, resistiram a todas as influencias do tempo e são os nossos unicos guias no estudo dessas civilizações remotas em que a madeira devia ter um papel preponderante. Infelizmente este elemento importantissimo falta-nos e para se avaliar da sua importancia basta considerar que certos povos selvagens actuaes mais devem considerar-se na idade da madeira, que em qualquer outra: por exemplo os Arovales do Alto Amazonas, cujos instrumentos e armas são fabricados exclusivamente de pau. Apezar porém dessa falta, atenuada um pouco pela etnografia comparada, o estudo dos restantes elementos que os povos preistoricos deixaram, algumas luzes nos fornece para compreensão das respectivas civilizações.

Utensilios.

Nesta categoria se compreende todo o rude trem caseiro dos indigenas ribeirinhos do Tejo: as mós, os percutôres, trituradôres, raspadôres, furadôres, vasilhame, etc.

As *mós* pertencem ao numero daqueles objectos que aparecem com mais frequencia nas estações arqueologicas, das neoliticas ás romanas.

Como é sabido, são 3 os sistemas empregados na preparação das farinhas: o esmagamento dentro de almofarizes *(pillage au mortier)*, a trituração sobre uma superficie plana ou ligeiramente côva e a verdadeira moagem, com ajuda de uma mó movente giratoria á mão ou por meio de uma força motriz qualquer, agua, vento ou animaes. Todos estes sistemas se empregam actualmente: a *pillage au mortier* em grandes vasos de madeira, na Africa, os dois ultimos sistemas em todo o mundo, e especialisando, em Portugal. O sistema da trituração sobre superficies planas foi já tratado suficientemente num meu trabalho anterior. O terceiro sistema é o actualmente usado (moinho, azenha, etc.), sendo a sua fase rudimentar, a manual, ainda empregada no Alemtejo e Algarve para moêr nas *atafonas* farinhas especiaes.

O sistema que nos interessa no estudo das estações neoliticas é exclusivamente o segundo, porque todas as mós que nelas aparecem se lhe, referem. Essas mós constam de blocos ovaes ou redondos, com uma superficie plana, servindo de moventes e dormentes, entre os quaes o grão se reduz a uma pasta irregular que depois de cosido se torna um alimento razoavel, as *milharas* ou *carólos*.

Recentemente, a magnifica revista allemã *Wörter und Sachen* publicou um artigo sobre as sobrevivencias dos sistemas primitivos de moagem na Europa, apontando a *pillage au mortier* na Polonia e a trituração entre pedras no Egito antigo e na Africa. Era desnecessario ir tão longe. Em toda a nossa Beira esse sistema é o adoptado para reduzir o milho a uma pasta boa para a cocção.

Conforme as regiões, assim variam as rochas empregadas na confeção das mós. Na estação da Cêrca dos Jeronimos encontram-se mós de conglomerados, granito e basalto.

As mós de conglomerados são as mais frequentes entre nós; vêem depois as de granito (Minho, Traz-os-Montes, Beira, Alemtejo e Cintra) e finalmente as de basalto, com area muito limitada (em tôrno de Lisboa). Distribuem-se como segue as mós que até hoje recolhi na estação:

17 fragmentos de mós de conglomerados de gramulação fina, tendo o maior 0,135 de comprimento e o menor 0,05. Os dormentes são geralmente ovaes, com o plano de moagem chato ou cavado leve ou profundamente conforme o uso que o objecto teve. Os moventes são redondos e ovaes, uns e outros com a aparencia de *broas*. Estes moventes aproveitavam-se quer com o plano horisontal quer com o resto da superficie, pois que aparecem cuidadosamente e por completo polidos.

4 moventes pequenos de granito de Cintra, sendo um deles

ovoide e os outros incompletos. E' notavel o aparecimento de mós de granito nesta e noutras estações algumas leguas afastadas de Cintra, pois que se pode provar por esse meio a existencia de relações comerciaes regulares entre os indigenas, ou pelo menos frequentes visitas dos ribeirinhos do Tejo á numerosa população neolitica da que mais tarde foi a terra da Lua.

Lisboa (em Monsanto I, em Vila Pouca, na cêrca dos Jeronimos) Bemfica (na Boa Vista).

Damaia (no Casal do Ricardo).

Cintra (em S. Pedro, costas do Castelo e Penha Vêrde).

Torres Vedras (no monumento da Pena e nas estações das encostas do mesmo monte).

A area de dispersão conhecida ocupa já o espaço de 500.000 metros quadrados o que é importante.

7 mós de basalto, que é empregado aqui só para os moventes, embora eu conheça grandes dormentes de basalto, de Liceia. Entre estes moventes distingue-se um ligeiramente oval, com duas superficies planas, 0,165 de comprimento, 0,145 de largura, e 0,065 de espessura.

Percutôres. Os percutôres são as pedras que mostram vestigios de terem sido utilisadas como martelos. Abundam nesta estação, como de resto em todas as do mesmo genero e variam de substancia conforme a constituição geologica do terreno. Na Cêrca, os 21 que tenho encontrado são de calcareo, basalto, seixos rolados e conglomerados. Os das 3 ultimas especies são irregulares, os de silex apresentam 2 tipos: redondos e alongados.

Os primeiros ou são totalmente esfericos, martelando com toda a superficie, ou são esferoidaes, de polos muito achatados, batendo com a linha do equadôr.

Os segundos teem o fuste triangular ou cilindrico. Em ambos, os topos são formados por calotes perfeitas, devidas ao sucessivo martelar, havendo como unica diferença entre essas calotes o serem as bases de umas circulares, de outras triangulares.

Percutôres-moedôres. Teem das duas classes anteriores alguma cousa. São geralmente ovaes, pouco espessos. Nas faces inferiores e superior seviam de moventes e polidores, nos topos de martelos. Quasi todos aqui são de basalto.

Trituradôres. Dou este nome a uns seixos rolados alongados que apresentam num dos topos uma superficie gasta em dois planos convergentes. Possuo 2 daqui, um oval, outro triangular.

Raspadôres. Encontrei nesta estação varios silices que mostram ter sido utilizados como raspadôres, pouco diferindo a sua forma da dos raspadôres paleoliticos.

Furadôres. Possuo desta estação um, de silex, bem trabalhado, com 0,072 de comprimento

Ceramica. A ceramica aparece em quantidades extraordinarias nesta estação, distinguindo-se 2 typos principaes, um grosseiro, de pasta irregular, representando o trabalho á mão na sua mais rude expressão, outro de pasta mais fina, polido exteriormente. Alem destes

dois typos aparecem cacos ornamentados nos bôjos e nos bôrdos, caracteristicos da transição do neolitico para a epoca dos metaes iguaes aos que se encontram em todos os castros calcoliticos. (Pragança, Rotura, Chibanes, Liceia, S. Mamede, Sete Moinhos, etc).

Infelizmente não ha vasos inteiros nem sequer grandes pedaços por onde se possam reconstituir.

Armas.

São poucas as armas que se me depararam nesta estação, o que mais confirma a minha ideia ácerca das nenhumas propensões belicosas dos habitantes; limitam-se a um machado de pedra, e a algumas balas de funda.

O machado é de basalto polido, com o feitio de cunha, do comprimento de 0,07, largura 0,042 e espessura 0,025.

Como se sabe o machado desempenhou o principal papel entre as armas neoliticas. Durante as idades do bronze e ferro ocupou sempre o seu lugar de arma de guerra, ao lado da espada e da lança, tão vivaz era a tradição milenaria do seu uso quando de pedra. Entre os selvagens de toda a America o machado foi e é ainda a arma nacional, o terrivel *tomawak*, de ferro ou bronze entre os indios da America do Norte, de pedra polida entre os do sul (caribas das Antilhas, Arovales do Alto Amazonas).

As balas de funda são apenas 3, das quaes a maior, de calcareo, tem 0,045 de diametro.

O Snr. Dr. Costa Ferreira encontrou tambem na estação uma pequena ponta de setta.

Restos de cosinha.

São principalmente maritimos; entre outros mariscos encontram-se valvas de *pectens*, *Venus decussata*, ostras, etc.

Manifestações artisticas.

Essas manifestações revelam-se-nos principalmente pela escolha da ceramica ornamentada a que atraz me referi, e que é na verdade muito curiosa, geometrica com os desenhos vulgarmente chamados *dente de lobo* e *espinha de peixe*, fachas paralelas, etc.

Uma concha furada regularmente veiu mostrar-me que os indigenas da cêrca usavam como enfeite, tal como os salvagens actuaes, grandes enfiadas de conchas á volta do pescoço pernas e braços.

CONCLUSÕES. — A estação foi habitada durante a epoca neolitica e no começo dos metaes (como se infere da ceramica), e tinha grande parte da sua razão de ser na proximidade do rio, donde lhe provinha o alimento. Era uma povoação pacifica e em suma pouco importante e que apenas chama a nossa atenção por se achar dentro da area da cidade de Lisboa e representar mais um documento dos que provam a densidade da população neolitica sobre o nosso solo.

Vergilio Correia

BIBLIOGRAFIA

Por factos independentes da nossa vontade, tivemos de guardar para este numero da "Águia„ o nosso agradecimento a varios escritores portugueses e brazileiros pela oferta das suas obras.

Principiámos tão agradavel leitura pelas brilhantes paginas de historia dramatisada de JOÃO D'ANDRADE, que formam o vol. II da sua obra intitulada «*Avós ilustres*». Entre este nosso escritôr e Camillo ha um certo parentesco espiritual, e diremos que tal parentesco não deshonra o eminente romancista. A todas as almas que amam contemplar de perto, em corpo e vida, as belas figuras do passado, recomendamos a leitura dos «*Avós ilustres*». Em seguida a estas paginas, cheias de vida humana, o nosso espirito encantou-se na visão da paisagem portuguesa que JOSÉ MONTEIRO, comovido pintor, descreve e interpreta no seu livro «*Terras da Beira*». Terras da Beira! Eis todo o coração de Portugal convertido em saudosas serranias, e alegres e viçosos prados de idilio!

Perto de terras da Beira, encontra-se uma antiga cidade, toda construida em velha pedra e lenda, junto dum rio de saudades que as lagrimas de Inês turbaram um dia... E encontramo-nos a lêr a «*Elegia da Lenda*» de VEIGA SIMOES, esse delicado temperamento, onde a leve ironia, a graça, o sentimento, encarnam em perfeitas e lucidas formas literarias. Veiga Simões é já um consagrado que a opinião publica colocou ao lado dos nossos melhores prosadôres.

Falámos do Mondego, de Coimbra, das lagrimas de Inês!... «*D. Pedro e D. Inês*», o grande desvayro, como lhe chamou Fernão Lopes, e o drama humano e vivo, conforme o interpretou, em paginas admiraveis, ANTHERO DE FIGUEIREDO, o ilustre auctor da «*Doida de Amôr*» e outros livros em prosa da nossa grande admiração.

Anthero de Figueiredo fez realmente a historia viva desse sobresaltado temperamento de D. Pedro e desse fatidico destino da *misera e mesquinha* que a Lenda, mais verdadeira ainda do que a Historia, colocou, depois de morta, sobre um throno e a coroou rainha. Neste ultimo livro de Anthero de Figueiredo, ha paginas de grande valor, que honram a nossa literatura.

Depois do drama das grandes paixões humanas que abálam o nosso sêr, é agradavel serenar o nosso pensamento com a leitura de paginas simples, onde os acontecimentos diarios da vida são tratados com delicada belesa, embora impressionante, ferindo o aspecto real e vivo das cousas e das pessoas. E' assim o novo livro de RAUL MARTINS, colecção de crónicas publicadas em jornaes que o auctor publicou num volume intitulado «*A Rua*».

Outra leitura encantadora pela sinceridade, vivesa das impressões, e sentido amoroso das almas é a do novo livro de MARIO DE SÁ CARNEIRO, intitulado «*Principio*» (Novelas).

Mas voltando novamente á composição poetica, diremos que «*A Sombra dos cédros*» de MANUEL EUGENIO MASSA, é um livro revelador de grandes qualidades de poeta. As suas poesias, tocadas de profundo sentimento português, são das melhores que ultlmamente têm aparecido á luz do dia!

Felicitamos o snr. Manuel Engenio Massa pela sua admiravel estreia e aqui lhe agouramos um futuro cheio de glorias.

O snr. NOBRE DE MELLO fez tambem a sua estreia poetica com os «*Ritmos do Silencio e do Amor*».

Ha uma quadra no seu livro denunciadora de belas qualidades poeticas. Ei-la:

"Almas que os sonhos tragicos consomem,
Cegas, enclausuradas e cativas,
Na escuridão das formas primitivas
Que só despiu ainda um sêr: o homem!„

O snr. SANTA RITA, já conhecido dos leitores da «*Águia*», publicou tambem as suas «*Arias, Resas e Canções e Cantares*» que justamente fôram apreciadas, e muito, pelo nosso publico ledôr.

O Brazil continua a ser uma terra de poetas. Temos na nossa meza dois livros ultimamente publicados «*Vida Extinta*» do snr. FILIPE D'OLIVEIRA e a «*Legenda da Luz e da Vida*» de snr. ALVARO MOREIRA.

Estes dois poetas do grande pais nosso irmão, veem dar novo vigor e nova expressão á poesia d'além atlantico.

Foi com verdadeira admiração e grande prazer (porque para nos é sempre uma grande alegria o aparecimento de novas almas creadoras de belêsa) que lêmos as duas referidas obras dos dois novos e ilustres poetas brazileiros.

Não queremos terminar estas ligeiras linhas, sem nos referirmos tambem á «*Terra de Sol*» de JOSÉ COELHO DA CUNHA, novo poeta português, que procura interpretar a alma popular, nos seus devaneios amorosos, nas suas tristezas e alegrias.

«*Bartolomeu Marinheiro*». O poeta sublime do «*Ar Livre*», AFONSO LOPES VIEIRA, continua nas suas generosas tentativas de educação nacionalisadôra.

Após a admiravel ressurreição do teatro de Gil Vicente, dum tão profundo alcance educativo para a nossa época, dá-nos agora o «*Bartolomeu Marinheiro*», obra de justiça, de beleza e fervorosa admiração por esse extraordinário português, que foi Bartolomeu Dias.

O livro é para as crianças. E' que Afonso Lopes Vieira descrente dos homens de hoje, quer acender nos espíritos infantis, pelo poder do seu verso, essas nobres figuras do Passado. Poucas serão tocadas de tamanha grandeza, como a do grande marinheiro. Obra de justiça chamamos ao seu livro, porque o Poeta resgatou emfim Bartolomeu Dias da injustiça de tantos séculos. E porque lhe pertence uma bôa parte da glória atribuida ao Gama, Afonso Lopes Vieira, servindo-se da grande criação camoneana e emendando a própria injustiça de os *Lusiadas*, faz de Bartolomeu o heroi que vence emfim o terrivel gigante Adamastor.

O terrivel fantasma, o monstro do Mar que enche de tragédia a nossa história maritima, fica belamente ligado nesse poema ao nome do heroi vitoriôso — Bartolomeu Dias.

Assim, o renascimento de Portugal mais um nobre e belo esforço fica devendo ao Poeta e muitos ainda terá que lhe dever.

OUTRAS PUBLICAÇÕES RECEBIDAS, DE QUE NO PRÓXIMO NÚMERO SE FALARÁ:

"Jardim das Tormentas„ — Aquilino Ribeiro.
"Ferro em Braza„ — Henrique Trindade Coelho.
"Lyra d'Amor„ — Constantino Teixeira da Rocha.